SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

BIBLIOTERAPIA, NARRATIVA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ESTADO DA ARTE NO BRASIL E NO EXTERIOR

Sandra Constantin Popoff

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

Submetido em: 2026-09-09
Postado em: 2026-11-23 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

BIBLIOTERAPIA, NARRATIVA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ESTADO DA ARTE NO BRASIL E NO EXTERIOR

SANDRA CONSTANTIN POPOFF[1]
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6451-6442
popoffsandra@gmail.com

[1] Universidade Federal da Bahia, Salvador (BA), Brasil

RESUMO: A literatura destinada às crianças pode ultrapassar a função de formação leitora e participar de experiências educativas, desenvolvimentais, clínicas, hospitalares e de promoção do bem-estar. Nesse território situa-se a biblioterapia, campo marcado por diversidade conceitual, metodológica e profissional. Este artigo apresenta um estado da arte da produção brasileira e internacional sobre biblioterapia, literatura infantil e experiências narrativas dirigidas a crianças, focalizando as relações entre narrativa, mediação, experiência, resultados e transferência. O estudo caracteriza-se como revisão crítica integrativa de natureza analítico-comparativa, organizada a partir de produção científica brasileira e internacional, contemplando estudos clássicos, pesquisas empíricas, relatos de experiência, estudos de intervenção, trabalhos conceituais e revisões sistemáticas. A análise evidencia uma tradição brasileira relacionada à biblioterapia pediátrica, hospitalar e escolar, marcada pela articulação entre literatura, ludicidade, humanização e mediação, enquanto a produção internacional contemporânea amplia as investigações sobre Creative Bibliotherapy, saúde mental e avaliação de resultados. Embora diferentes estudos relatem efeitos ou potencialidades relacionados à expressão emocional, criatividade, imaginação, comportamento, alfabetização e saúde mental, a literatura permanece heterogênea quanto aos mecanismos que explicariam a passagem entre a experiência narrativa e seus possíveis resultados desenvolvimentais. Observa-se, menor sistematização dos processos intermediários, da transferência de repertórios para situações novas e da retenção das mudanças observadas. Conclui-se que o campo dispõe de acervo empírico e conceitual, mas ainda carece de uma arquitetura integradora capaz de relacionar condições da experiência, mediação, processos narrativos, ampliação de repertórios e transferência. O artigo delimita, assim, um território conceitual que poderá fundamentar posteriormente a proposição da Biblioterapia Narrativa Desenvolvimental (BND).

Palavras-chave: biblioterapia; literatura infantil; narrativa; desenvolvimento infantil; mediação.

BIBLIOTHERAPY, NARRATIVE AND CHILD DEVELOPMENT: STATE OF THE ART IN BRAZIL AND ABROAD

ABSTRACT: Literature addressed to children may extend beyond the formation of readers and become part of educational, developmental, clinical, hospital, and well-being experiences. Bibliotherapy is situated within this territory, although the field remains conceptually, methodologically, and professionally heterogeneous. This article presents a state-of-the-art analysis of Brazilian and international research on bibliotherapy, children's literature, and narrative experiences involving children, with particular attention to the relationships among narrative, mediation, experience, outcomes, and transfer. The study is characterized as an integrative critical review with an analytical-comparative approach, based on Brazilian

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

and international scientific literature, including classical studies, empirical research, intervention studies, experience reports, conceptual contributions, and systematic reviews. The analysis reveals a Brazilian tradition associated with pediatric, hospital, and school bibliotherapy, strongly marked by the articulation of literature, playfulness, humanization, and mediation, whereas contemporary international research has expanded investigations into Creative Bibliotherapy, mental health, and outcome assessment. Although different studies report effects or potentialities involving emotional expression, creativity, imagination, behavior, literacy, and mental health, the literature remains heterogeneous regarding the mechanisms that might explain the transition from narrative experience to developmental outcomes. In particular, there is limited systematization of intermediate processes, transfer of repertoires to novel situations, and retention of observed changes. The article concludes that the field possesses an important empirical and conceptual body of knowledge but still lacks an integrative architecture connecting experiential conditions, mediation, narrative processes, repertoire expansion, and transfer. This territory may subsequently support the conceptual proposition of Developmental Narrative Bibliotherapy (BND).

KeyWords: bibliotherapy; children's literature; narrative; child development; mediation.

BIBLIOTERAPIA, NARRATIVA Y DESARROLLO INFANTIL: ESTADO DEL ARTE EN BRASIL Y EL EXTRANJERO

RESUMEN: La literatura destinada a los niños puede superar la función de formación lectora y participar en experiencias educativas, evolutivas, clínicas, hospitalarias y de promoción del bienestar. En este territorio se sitúa la biblioterapia, un campo caracterizado por diversidad conceptual, metodológica y profesional. Este artículo presenta un estado del arte de la producción brasileña e internacional sobre biblioterapia, literatura infantil y experiencias narrativas dirigidas a niños, con especial atención a las relaciones entre narrativa, mediación, experiencia, resultados y transferencia. El estudio se caracteriza como una revisión crítica integradora de naturaleza analítico-comparativa, organizada a partir de producción científica brasileña e internacional, incluyendo estudios clásicos, investigaciones empíricas, estudios de intervención, relatos de experiencia, aportes conceptuales y revisiones sistemáticas. El análisis evidencia una tradición brasileña relacionada con la biblioterapia pediátrica, hospitalaria y escolar, marcada por la articulación entre literatura, juego, humanización y mediación, mientras que la producción internacional contemporánea amplía las investigaciones sobre Creative Bibliotherapy, salud mental y evaluación de resultados. Aunque diferentes estudios informan efectos o potencialidades relacionadas con la expresión emocional, creatividad, imaginación, comportamiento, alfabetización y salud mental, la literatura permanece heterogénea en cuanto a los mecanismos que explicarían el paso de la experiencia narrativa a sus posibles resultados evolutivos. Se observa especialmente una menor sistematización de los procesos intermedios, de la transferencia de repertorios a situaciones nuevas y de la retención de los cambios observados. Se concluye que el campo dispone de un importante acervo empírico y conceptual, pero todavía carece de una arquitectura integradora capaz de relacionar condiciones de la experiencia, mediación, procesos narrativos, ampliación de repertorios y transferencia. Este territorio podrá fundamentar posteriormente la proposición conceptual de la Biblioterapia Narrativa del Desarrollo (BND).

Palabras clave: biblioterapia; literatura infantil; narrativa; desarrollo infantil; mediación.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

INTRODUÇÃO

As histórias fazem parte da experiência humana muito antes de serem compreendidas como objetos de leitura. São ouvidas, contadas, dramatizadas, repetidas, reinventadas e incorporadas às formas pelas quais os sujeitos atribuem sentido aos acontecimentos. Na infância, particularmente, a narrativa pode constituir espaço de encontro entre imaginação, linguagem, emoção, relações e possibilidades de ação.

Essa dimensão da experiência narrativa contribuiu para a constituição de diferentes campos de investigação e intervenção que atribuem à literatura funções que ultrapassam a formação do leitor. Entre eles encontra-se a biblioterapia, historicamente relacionada à utilização de livros e textos literários como recursos auxiliares diante de necessidades desenvolvimentais, emocionais, comportamentais e sociais.

Entretanto, biblioterapia não designa uma prática única. A literatura reúne experiências clínicas, desenvolvimentais, educativas e hospitalares realizadas em diferentes contextos, por diferentes profissionais e mediante distintas formas de mediação. O mesmo termo pode designar uma atividade de leitura compartilhada em uma escola, uma intervenção estruturada em um contexto clínico, uma experiência de humanização hospitalar ou uma atividade de promoção da leitura.

Essa heterogeneidade constitui simultaneamente uma riqueza e um problema científico. É uma riqueza porque demonstra que a literatura vem sendo mobilizada em múltiplas situações de cuidado, aprendizagem e desenvolvimento. É um problema porque dificulta a comparação entre estudos e a identificação de mecanismos comuns.

Pardeck (1989) foi um dos autores que contribuíram para a constituição da biblioterapia desenvolvimental, relacionando literatura infantil a mudanças e desafios vivenciados pelas crianças no âmbito das relações familiares. Posteriormente, Pardeck e Markward (1995) discutiram a utilização da biblioterapia no trabalho clínico com crianças e advertiram que as evidências disponíveis naquele período ainda não permitiam conclusões definitivas sobre sua efetividade.

Essa cautela histórica é relevante porque impede que a longevidade de determinada prática seja confundida com comprovação de eficácia. Uma prática pode possuir longa tradição, produzir experiências significativas e, simultaneamente, permanecer cientificamente aberta quanto aos mecanismos responsáveis por seus resultados.

No Brasil, uma tradição importante foi construída em torno da biblioterapia pediátrica e hospitalar. Caldin (2002) descreveu a experiência realizada com crianças hospitalizadas envolvendo leitura individual e grupal, música, dramatização, contação de histórias e gravuras, demonstrando que a experiência biblioterapêutica poderia ultrapassar a relação convencional entre leitor e texto.

Em outro trabalho, Caldin (2004) discutiu a aplicabilidade terapêutica da literatura infantil articulando conceitos como catarse, identificação, introjeção, projeção, introspecção e compensação. Esses conceitos revelam que a tradição brasileira não se limitou a considerar o livro como recurso instrumental, mas procurou compreender processos psicológicos e afetivos envolvidos na relação da criança com a literatura.

Estudos posteriores ampliaram essa tradição. Lucas, Caldin e Silva (2006) investigaram uma experiência com 22 crianças pré-escolares em 13 encontros, utilizando contação de histórias e atividades lúdicas e observando as reações infantis. Entre os objetivos estavam a promoção da leitura, a criatividade, o imaginário e a catarse.

Lima e Caldin (2013) realizaram experiência biblioterapêutica com crianças de seis e sete anos, articulando literatura infantil e atividades recreativas, e identificaram envolvimento com diferentes textos, interpretação e estímulo à criatividade.

Marques e Gonçalves (2021), ao analisarem artigos, teses e dissertações brasileiras sobre biblioterapia pediátrica entre 1975 e 2019, identificaram diversidade de procedimentos, profissionais envolvidos, formas de avaliação e etapas de aplicação. O levantamento evidencia que existe no país uma tradição que não deve ser tratada como periférica ou meramente episódica.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

A existência dessa produção impede que o campo brasileiro seja caracterizado como inexistente ou incipiente. Ao contrário, há uma trajetória que precisa ser reconhecida, sistematizada e colocada em diálogo com a produção internacional.

No cenário internacional contemporâneo, o campo também permanece em expansão. A revisão sistemática de Redman et al. (2026) identificou 3.405 registros únicos e incluiu 23 estudos sobre Creative Bibliotherapy desenvolvida em escolas com crianças e adolescentes de 5 a 16 anos. Treze estudos relataram impactos positivos sobre resultados relacionados à saúde mental, mas os autores concluíram que ainda não existe evidência suficientemente forte para estabelecer eficácia. Entre os elementos descritos nos estudos positivos estavam seleção adequada dos materiais, interação estruturada e preparação dos profissionais.

Esse resultado é especialmente importante porque evidencia uma transformação da pergunta científica. Em vez de investigar somente se a biblioterapia "funciona", a pesquisa contemporânea começa a perguntar em quais condições determinadas intervenções podem funcionar, para quais participantes e por quais mecanismos.

O protocolo publicado anteriormente por Redman et al. (2024) já anunciava essa preocupação ao propor análise dos componentes das intervenções e investigação de mecanismos e contextos.

A literatura contemporânea, portanto, recoloca uma questão já presente em trabalhos anteriores: não basta perguntar se a biblioterapia produz efeitos. É necessário compreender em quais condições, para quais participantes e por meio de quais processos esses efeitos podem ocorrer.

Essa mudança de pergunta é o ponto de partida deste artigo. A investigação aqui apresentada não pretende determinar a eficácia geral da biblioterapia nem propor uma nova intervenção. Seu objetivo é mapear conceitualmente o campo e identificar os pontos nos quais diferentes tradições convergem ou permanecem fragmentadas.

A pergunta que orienta o estudo é: **Como a produção brasileira e internacional tem compreendido as relações entre biblioterapia, narrativa, mediação e desenvolvimento infantil, e quais lacunas permanecem quanto aos processos que relacionam a experiência narrativa aos possíveis resultados desenvolvimentais?**

O objetivo geral é analisar o estado da arte da produção sobre biblioterapia e experiências narrativas com crianças, com atenção especial à mediação, aos processos intermediários, aos resultados, à transferência e à retenção.

Desdobram-se desse objetivo as seguintes questões: quais concepções de biblioterapia predominam? Que papel é atribuído à literatura? Como a mediação é caracterizada? Quais resultados são investigados? Que mecanismos são propostos? E, sobretudo, que evidências existem de que aquilo que é vivenciado na narrativa se converta em repertório utilizável em situações distintas?

O estudo parte de uma premissa metodológica: resposta à narrativa, expressão emocional, mudança comportamental e desenvolvimento não devem ser tratados como fenômenos equivalentes.

Uma criança pode emocionar-se com uma história sem apresentar transformação duradoura. Pode identificar-se com uma personagem sem transferir a perspectiva experimentada para sua própria vida. Pode resolver o problema apresentado na narrativa sem utilizar a mesma estratégia diante de uma situação nova.

Consequentemente, uma perspectiva desenvolvimental exige investigar aquilo que ocorre entre a experiência e o resultado. É nesse espaço que se localiza a problemática que posteriormente poderá fundamentar a proposição da **Biblioterapia Narrativa Desenvolvimental** (BND).

.

BIBLIOTERAPIA E EXPERIÊNCIA NARRATIVA: A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO

Biblioterapia desenvolvimental

A biblioterapia desenvolvimental parte da compreensão de que narrativas podem auxiliar crianças diante de desafios e transições próprias de seu desenvolvimento.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

A contribuição de Pardeck (1989) é importante porque desloca o livro da condição de simples objeto cultural para a condição de recurso potencialmente participante de processos de adaptação e enfrentamento. Esse deslocamento é epistemologicamente relevante. Se a literatura é utilizada em situações de desenvolvimento, torna-se necessário perguntar não apenas o que o texto apresenta, mas o que o leitor faz com aquilo que encontra no texto.

Cada personagem pode oferecer uma possibilidade de identificação. O conflito pode fornecer uma representação simbólica de uma experiência difícil. A resolução pode apresentar alternativas. A distância entre a ficção e a experiência pessoal pode tornar possível abordar determinado tema sem exigir exposição direta da criança. Essas possibilidades, entretanto, não constituem automaticamente mecanismos comprovados. A tradição também revela uma questão que permanece contemporânea: o uso de literatura em uma intervenção não significa automaticamente que o mecanismo responsável pela mudança esteja demonstrado.

Pardeck e Markward (1995), ao discutir a biblioterapia clínica, enfatizaram justamente a necessidade de considerar a técnica como recurso auxiliar diante das limitações das evidências disponíveis.

A história do campo revela, portanto, uma tensão entre potencialidade da experiência literária e demonstração empírica de seus efeitos. Essa tensão é produtiva. Ela impede tanto o reducionismo que considera a literatura apenas como instrumento terapêutico quanto a romantização que atribui ao livro propriedades transformadoras independentes das condições da experiência.

A contribuição brasileira

No Brasil, a biblioterapia desenvolveu-se especialmente em experiências relacionadas à biblioteca, ao hospital, à escola e à infância. A experiência de Caldin (2002) com crianças hospitalizadas é emblemática porque não reduz a intervenção à leitura. Leitura, música, dramatização, contação de histórias e imagens participam de uma mesma configuração experiencial.

A experiência revela uma característica que atravessa parte da produção brasileira: o entendimento de que o encontro com a narrativa pode ser ampliado por outras linguagens e práticas. Essa característica reaparece em estudos com crianças pequenas, nos quais literatura e atividades lúdicas são articuladas. Lucas, Caldin e Silva (2006), por exemplo, associaram contação de histórias e atividades recreativas, observando as reações das crianças ao longo dos encontros.

A produção brasileira apresenta, portanto, uma contribuição importante para o reconhecimento da mediação como componente da experiência. A revisão de Marques e Gonçalves (2021) reforça esse aspecto ao demonstrar que a biblioterapia pediátrica brasileira reúne diferentes procedimentos, profissionais e formas de avaliação.

O campo brasileiro oferece, assim, uma importante tradição de experiências situadas, mas também revela a necessidade de maior integração conceitual entre essas experiências.

Do livro à experiência

Uma consequência direta da análise da literatura brasileira reside na urgência de distinguir três objetos que frequentemente surgem sobrepostos: o livro, a leitura e a experiência narrativa. Se o livro constitui o artefato material ou simbólico detentor da narrativa, e a leitura se define como a prática de engajamento com esse artefato, a experiência narrativa abarca um espectro consideravelmente mais amplo, articulando o texto, o leitor, o contexto, a mediação, os afetos mobilizados, as interações e as atividades desdobradas antes, durante e após a apreciação da história.

Essa diferenciação revela-se vital para a pesquisa desenvolvimental, uma vez que tomar exclusivamente o livro como objeto oculta aspectos estruturantes da mediação; focar apenas na criança anula a especificidade da linguagem narrativa; e concentrar-se unicamente no resultado faz desaparecer o próprio processo. A experiência narrativa, por sua vez, erige-se como a unidade de análise capaz de integrar harmoniosamente essas dimensões. Tal proposição não implica, contudo, rotular toda e qualquer leitura como intrinsecamente terapêutica ou desenvolvimental, mas sim reconhecer que, sob a égide de

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

uma intencionalidade clara e de um arranjo mediado, o fenômeno investigado exige um escopo analítico muito mais denso do que a mera centralidade do texto.

.

Biblioterapia e intervenção clínica

Outra distinção premente diz respeito à articulação entre a biblioterapia e as intervenções clínicas, em especial nos desenhos investigativos nos quais a literatura integra um protocolo multiparamétrico. Nessas configurações, os efeitos observados não podem ser tributados automaticamente à presença isolada do texto.

O ensaio clínico randomizado conduzido por El Rafihi-Ferreira et al. (2018) com 68 crianças de quatro a seis anos sobre medos noturnos oferece um modelo emblemático dessa dinâmica: ao combinar a biblioterapia embasada em princípios da terapia cognitivo-comportamental a outros dispositivos terapêuticos, o estudo registrou reduções expressivas nas queixas de sono e nos temores noturnos. Embora tais achados atestem a eficácia da intervenção integrada, a exegese dos dados exige rigor epistemológico: a evidência demonstra a funcionalidade do arranjo global, mas não isola a contribuição exclusiva do recurso literário.

Essa ressalva aponta para uma regra metodológica fundamental nas pesquisas subsequentes: diante de intervenções que conjugam narrativas, orientação parental, técnicas comportamentais, atividades lúdicas e estratégias de reforço, cumpre à investigação mensurar a contribuição relativa de cada vetor. A indagação central desloca-se, portanto, do simplista "o livro funcionou?" para a pergunta metodologicamente mais densa: "qual função a narrativa desempenhou na arquitetura global da intervenção?". É justamente esse questionamento que alinha a pesquisa clínica ao núcleo desta investigação: a apreensão pormenorizada dos mecanismos subjacentes ao processo.

NARRATIVA, MEDIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

A experiência narrativa não pode ser compreendida apenas a partir do texto. A criança entra na experiência com repertórios anteriores, expectativas, memórias, conhecimentos, emoções e formas próprias de interpretar acontecimentos. A narrativa oferece personagens, conflitos, perspectivas e possibilidades. O mediador organiza condições de encontro com esse material.

Forma-se, assim, uma relação:

criança ↔ narrativa ↔ mediador ↔ contexto.

Essa relação pode ser compreendida como uma ecologia da experiência narrativa: um conjunto de condições que se influenciam mutuamente e que impede a atribuição de efeitos a um único elemento isolado.

O conceito de mediação é particularmente importante nesse ponto. O mediador não apenas “entrega” o livro. Ele seleciona, apresenta, lê, pergunta, ouve, interpreta, acolhe respostas, organiza atividades e estabelece um campo relacional.

A maneira como a criança é convidada a engajar-se na atividade modifica substancialmente o que ela extrai da narrativa: a leitura silenciosa e individual não equivale à leitura dialogada; a contação oral guarda especificidades distintas da leitura autônoma; o debate posterior abre possibilidades ausentes na interlocução durante a contação da história; a dramatização encarna a personagem em experiência corporal; e a expressão gráfica via desenho permite à criança objetivar conteúdos ainda inacessíveis à formulação verbal. A mediação se erige, portanto, não como mero plano de fundo, mas como variável explicativa central.

Nesse sentido, a literatura sobre leitura dialógica oferece evidências de grande relevância, a despeito de não se sobrepor integralmente à biblioterapia. A meta-análise conduzida por Tang, Lau e Du (2026), ao sintetizar 64 estudos com 10.463 crianças, constatou impactos positivos da leitura dialógica sobre múltiplas dimensões do letramento, sinalizando, ao mesmo tempo, considerável heterogeneidade e a influência de moderadores como idade e tipo de mensuração. Esse achado corrobora uma premissa

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

metodológica basilar para o presente estudo: o modo de interação tecido ao redor da narrativa interfere diretamente na qualidade e na profundidade da experiência produzida.

No âmbito nacional, investigações sobre narrativa e desenvolvimento igualmente sublinham a centralidade da interação social na estruturação de narrativas pessoais e na emergência de sentidos, a exemplo do trabalho de Macedo e Sperb (2007) que, ao revisarem a literatura sobre narrativas autobiográficas infantis, ressaltam o papel estruturante do adulto coautor nesses processos de construção simbólica. Em conjunto, tais contribuições, a despeito de suas matrizes teóricas distintas, convergem para uma mesma premissa: a narrativa não desdobra seus potenciais efeitos de forma autônoma ou desvinculada da matriz relacional na qual é vivenciada.

Criança, narrativa e possibilidade

Uma narrativa faculta uma situação que prescinde da vivência direta para ser experimentada no plano da imaginação. Nesse espaço simbólico, a criança pode testemunhar o medo de um personagem, acompanhar suas tentativas de resolução de conflitos, encarar uma perda, vivenciar uma reconciliação ou vislumbrar caminhos alternativos. A narrativa opera, assim, como um genuíno espaço de possibilidade: o sujeito não necessita partir da própria dor ou vivência, mas sim do polo ficcional. Ou seja, de um distanciamento protetivo de capital importância diante de temas sensíveis, haja vista que discorrer sobre "o menino da história" revela-se consideravelmente menos ameaçador do que a exposição direta de si.

Nessa arquitetura, indagações do tipo "o que você acha que ele sentiu?" pavimentam o terreno para pontes afetivas subsequentes, tais como "e você, já sentiu algo parecido?". Contudo, esse salto integrador não pode ser tomado como dado ou presumido a priori, constituindo, ao contrário, uma hipótese empírica a ser rigorosamente testada. A narrativa atua, pois, na constituição de uma zona intermediária entre a experiência pessoal bruta e a representação simbólica; o desafio científico premente reside em identificar sob quais condições e mecanismos essa zona intermediária engendra uma efetiva elaboração psíquica e quando ela permanece restrita ao plano do simples entendimento da trama.

Literatura e propriedades narrativas

Outro aspecto basilar evidenciado pela literatura diz respeito às propriedades intrínsecas da própria narrativa. A revisão sistemática conduzida por Abdul Aziz et al. (2025) acerca dos atributos da literatura infantil relevantes para a biblioterapia identificou fatores determinantes como a densidade no desenvolvimento de personagens, a atratividade do enredo, a universalidade temática, a evocação de empatia, a qualidade estética do texto, o apelo das ilustrações e a adequação à faixa etária.

Esses achados reconfiguram e ampliam a complexidade do problema: se a arquitetura textual condiciona diretamente a experiência, torna-se metodologicamente insuficiente apenas assinalar que determinada intervenção empregou "um livro infantil". Exige-se, antes, precisar qual obra foi selecionada, quais os critérios de escolha, que dispositivos narrativos nela operam e de que modo esses elementos se articulam com a subjetividade e a recepção infantil. Abre-se, assim, um leque de indagações fundamentais:

- Personagens psicologicamente densos favorecem maior identificação?
- O modo como os conflitos são tensionados estimula a reflexão crítica?
- Narrativas em primeira pessoa eliciam respostas emocionais distintas daquelas estruturadas em terceira pessoa?
- O recurso ao humor amplia a disponibilidade do sujeito para abordar temáticas complexas ou dolorosas?
- A presença de uma resolução explícita do conflito viabiliza a aprendizagem direta ou, ao contrário, limita o trabalho de elaboração autônoma?

Tais questões permanecem em aberto. A relevância estratégica de formulá-las reside justamente na capacidade de converter propriedades aparentemente estéticas ou literárias em variáveis empíricas passíveis de investigação rigorosa.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

A experiência narrativa como unidade de análise

A partir das convergências identificadas, propõe-se uma unidade analítica provisória:

Experiência Narrativa = narrativa + participante + mediação + contexto + resposta + elaboração.

Essa formulação não pretende constituir ainda um modelo teórico. A sua função é metodológica: evitar que pesquisas futuras isolem artificialmente o texto de seu contexto de ocorrência.

A experiência também não deve ser compreendida como evento puramente interno. Ela possui dimensões observáveis: fala, silêncio, expressão corporal, desenho, brincadeira, escolha, dramatização, produção narrativa, mudança de perspectiva e comportamento. Uma agenda empírica poderá, portanto, combinar registros qualitativos e quantitativos. Essa possibilidade é especialmente importante porque a transformação desenvolvimental dificilmente será capturada por uma única medida.

CAMINHO METODOLÓGICO

Do ponto de vista metodológico, este trabalho caracteriza-se como uma revisão crítica integrativa de natureza analítico-comparativa, estruturada sob a perspectiva do estado da arte. A adoção dessa abordagem justifica-se pela acentuada heterogeneidade do campo investigado, cuja produção encontra-se pulverizada entre estudos qualitativos, pesquisas de caso, relatos de experiência, investigações de intervenção, ensaios clínicos, revisões sistemáticas e formulações de cunho conceitual.

A modalidade do estado da arte reveste-se de especial valor heurístico em cenários marcado pela dispersão de achados entre múltiplos domínios disciplinares; contudo, conforme adverte Teixeira (2023), é premente resguardar tal empreendimento de uma redução simplista a uma mera catalogação bibliográfica. O propósito precípuo deste estudo transcende a identificação pontual de publicações, mirando antes a apreensão crítica de como as distintas tradições teóricas constroem e operam a problemática da articulação entre narrativa, mediação e desenvolvimento.

Para tanto, a análise analítico-comparativa foi sistematicamente balizada por cinco dimensões estruturantes:

- O conceito de biblioterapia/narrativa;
- As características constitutivas da experiência;
- O papel da mediação;
- A emergência de resultados e o mapeamento de seus mecanismos subjacentes;
- Os processos de transferência e retenção.

Nesse escopo, contemplaram-se investigações centradas na infância e na adolescência, com ênfase nos estudos sobre biblioterapia, biblioterapia desenvolvimental, Creative Bibliotherapy, literatura infantil, leitura mediada, contação de histórias e intervenções narrativas aplicadas ao desenvolvimento. A amostragem abrangeu publicações em português e inglês, articulando obras clássicas de caráter fundador a pesquisas contemporâneas decisivas para a configuração atual do campo. Importa ressaltar que a análise prescindiu de uma agregação quantitativa dos resultados, orientando-se, em vez disso, pela identificação rigorosa de convergências, divergências e lacunas conceituais.

Para evitar a sobreposição indevida entre domínios correlatos, a literatura foi mapeada em três territórios distintos:

Território I — Biblioterapia: investigações voltadas precipuamente ao uso terapêutico ou desenvolvimental da literatura;

Território II — Experiências narrativas adjacentes: pesquisas sobre leitura mediada, leitura dialógica, contação de histórias e demais práticas articuladas em torno do objeto narrativo;

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

Território III — Campos conceitualmente conexos: abordagens sobre narrativa, desenvolvimento, expressão e produção de sentido que iluminam os processos subjacentes, sem se enquadrarem estritamente como biblioterapia.

Essa discriminação revela-se indispensável para coibir a transposição indevida de evidências entre domínios com especificidades próprias, razão pela qual se privilegiaram os trabalhos que explicitavam não apenas os resultados obtidos, mas também as condições de aplicação, as propriedades da narrativa, a atuação do mediador e o arcabouço teórico mobilizado pelos autores para sustentar os achados.

Para estruturar essa investigação, a análise operacionalizou quatro dimensões analíticas fundamentais: o processo, focado nos fenômenos emergentes durante a experiência ou no seu rescaldo imediato; o resultado, atinente aos efeitos e às transformações diretas relatados ou mensurados; a transferência, compreendida como a mobilização e aplicação do repertório constituído em contextos distintos do cenário original; e a retenção, relativa à sustentabilidade e à permanência temporal das mudanças observadas. A adoção dessa rigorosa diferenciação justifica-se pelo fato de que a mera constatação de um resultado no pós-teste imediato não autoriza inferências automáticas sobre a estabilidade do aprendizado ao longo do tempo ou sua capacidade de transpor o ambiente de intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise evidencia que a biblioterapia infantil passa longe de constituir um campo recente: consolida-se sobre uma sólida trajetória internacional ligada às abordagens clínica e desenvolvimental desde os trabalhos pioneiros de Pardeck, bem como sobre uma viva tradição brasileira marcada por práticas pediátricas, hospitalares, escolares e comunitárias. Todavia, a heterogeneidade erige-se como uma característica estrutural desse domínio, no qual a expressão "biblioterapia infantil" engloba arranjos tão diversos quanto a leitura individual, grupal ou parental, a contação de histórias, a dramatização, o recurso a atividades lúdicas, a discussão orientada, as intervenções clínicas estruturadas, os projetos escolares e as vivências no contexto hospitalar.

Por conseguinte, os resultados reportados pela literatura não podem ser tratados de forma homogênea, como se derivassem de uma modalidade unívoca de intervenção, uma constatação epistemológica que se revela decisiva para a fundamentação de uma abordagem genuinamente desenvolvimental.

Brasil e exterior: convergências

A análise comparativa entre as produções nacional e internacional revela quatro convergências estruturantes: em primeiro lugar, o amplo reconhecimento da narrativa como um recurso capaz de aproximar a criança de experiências complexas ou decisivas para seu desenvolvimento; em segundo, a centralidade incontornável da mediação; em terceiro, a constatação recorrente de impactos sobre as dimensões emocional, cognitiva, social e comportamental; e, por fim, a persistente dificuldade de explicar, de maneira teoricamente integrada, os mecanismos subjacentes à produção desses resultados.

Enquanto a tradição brasileira se singulariza pela articulação orgânica entre literatura, ludicidade e humanização no âmbito de diferentes práticas, a literatura internacional contemporânea enfatiza a estruturação da interação, o rigor na seleção dos materiais e a formação profissional especializada. Convergem, contudo, na premissa fundamental de que a obra literária jamais atua de forma isolada ou autossuficiente.

Brasil e exterior: diferenças de ênfase

As diferenças residem fundamentalmente nas tradições disciplinares e no escopo das perguntas formuladas: enquanto a produção brasileira manifesta expressiva presença na biblioterapia pediátrica, hospitalar e escolar, predominando estudos de caso, relatos de experiência, análises de

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

produção e abordagens qualitativas, a literatura internacional recente expande-se prioritariamente em direção à saúde mental e à avaliação de resultados, respaldada por revisões sistemáticas. Não se deve, contudo, converter essa distinção em uma oposição reducionista entre uma suposta tradição qualitativa nacional e um pragmatismo quantitativo estrangeiro.

A perspectiva mais profícua consiste em reconhecer que cada tradição ilumina facetas complementares do fenômeno, cabendo aos estudos qualitativos a apreensão refinada de processos, significados, dinâmicas interativas e respostas que escapam ao alcance das medidas padronizadas. Estudos quantitativos podem avaliar magnitude de mudanças, comparar grupos e investigar relações entre variáveis. O desafio está em aproximar essas formas de evidência.

Da leitura à experiência

Um dos achados mais consistentes desta análise reside na impossibilidade metodológica de reduzir as experiências biblioterapêuticas ao mero ato da leitura. Na proposta de Caldin (2002), por exemplo, a intervenção articula-se organicamente à música, à dramatização, à contação e ao suporte de gravuras, assim como, nas investigações em contexto pré-escolar, o ato de ler surge intrinsecamente entrelaçado à dimensão lúdica (Lucas; Caldin; Silva, 2006). Na vertente contemporânea da Creative Bibliotherapy, a revisão de Redman et al. (2026) converge para esse mesmo horizonte ao destacar a criteriosa seleção dos materiais, a interação estruturada e a qualificação profissional como vetores decisivos nos programas que registraram impactos positivos.

Esse corpo de evidências sustenta uma hipótese de expressivo valor heurístico: o objeto genuíno da investigação não deve circunscrever-se ao texto literário em si, mas sim estender-se à experiência narrativa global configurada em seu entorno. Ou seja, revela-se como uma proposição conceitual que exige validação empírica rigorosa.

A mediação como componente do processo

A mediação emerge como uma das dimensões mais promissoras do processo, na medida em que o mediador atua decisivamente ao selecionar, apresentar, interpretar, questionar, escutar, acolher, regular o ritmo da experiência e, em contextos específicos, convocar a criança a produzir suas próprias respostas. Desse modo, dois grupos distintos podem ser expostos à exata mesma narrativa e, ainda assim, vivenciar experiências qualitativamente dispares.

A literatura sobre leitura dialógica oferece sustentação indireta a essa premissa ao evidenciar que tanto as características da interação quanto as especificidades da população atuam como moderadores dos resultados de uma intervenção (Tang; Lau; Du, 2026). No mesmo sentido, a revisão sobre Creative Bibliotherapy de Redman et al. (2026) reitera a relevância da interação estruturada e da formação especializada dos profissionais, ainda que ressalte que tais fatores não devam ser tomados isoladamente como condições necessárias ou suficientes. Impõe-se, portanto, compreender a mediação não como um mero detalhe operacional do procedimento, mas como uma variável genuinamente constitutiva da experiência narrativa.

Expressão emocional não é sinônimo de transformação

Embora a literatura seja farta em relatos acerca da expressão emocional no contato com a literatura, o avanço do campo exige maior rigor e precisão conceitual. Afinal, constituem fenômenos qualitativamente distintos: o reconhecer uma emoção, o nomeá-la, o expressá-la, o atribuir-lhe significado, o reorganizá-la no plano psíquico e o desenvolver novas estratégias de enfrentamento diante dela.

Nessa perspectiva, a mera emergência de uma manifestação afeto-emocional durante a experiência narrativa não autoriza deduzir, automaticamente, a ocorrência de uma transformação desenvolvimental. Essa diferenciação ganha especial relevância na interpretação de estudos qualitativos e relatos de experiência, nos quais as reações da criança se configuram como fontes legítimas de informação, sem que representem, contudo, indicadores inequívocos de mudança duradoura. Cumprirá

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

à pesquisa futura, portanto, o desafio estratégico de construir instrumentos e procedimentos capazes de mapear os mecanismos subjacentes a essa transição.

Identificação, catarse e insight: conceitos promissores, mecanismos ainda pouco integrados

Os conceitos fundamentais historicamente vinculados à biblioterapia fornecem uma base conceitual indispensável para o mapeamento desse domínio: a identificação descreve o movimento de aproximação subjetiva entre o leitor e a personagem; a catarse refere-se à via de descarga, expressão ou elaboração afetiva; a projeção e a introjeção remetem aos processos de atribuição e incorporação de sentidos; a introspecção envolve a virada reflexiva sobre a própria vivência; e o *insight* sinaliza uma reconfiguração cognitiva ou psíquica da situação.

Não obstante sua inegável utilidade heurística, tais noções não podem ser tomadas como etapas lineares ou encadeamentos automáticos de um mesmo contínuo. Uma criança pode perfeitamente identificar-se com uma personagem sem vivenciar qualquer descarga catártica; pode emocionar-se sem produzir um *insight*; pode compreender a lógica subjacente ao conflito sem alterar sua conduta; ou, inversamente, modificar seu comportamento sem lograr verbalizar a transformação operada.

Essa constatação sinaliza a urgência de a pesquisa contemporânea converter esses constructos tradicionais em variáveis e fenômenos empiricamente observáveis. Em lugar de postular genericamente que "a identificação produz transformação", impõe-se investigar rigorosamente:

- Como a identificação é operacionalmente reconhecida e sob quais condições ela se elicia;
- Quais desdobramentos e processos psíquicos a sucedem ou acompanham;
- De que maneira essas dinâmicas intermediárias se articulam com eventuais mudanças posteriores.

Trata-se, em última análise, de efetuar uma transição epistemológica: o deslocamento de uma teoria explicativa geral para uma investigação genuinamente processual e orientada a evidências.

Intervenções narrativas multimodais

O estudo brasileiro sobre medos noturnos oferece um modelo particularmente ilustrativo dessa questão: no ensaio clínico randomizado conduzido com 68 crianças de quatro a seis anos, a intervenção articulou a biblioterapia fundamentada na terapia cognitivo-comportamental a outros dispositivos clínicos, alcançando resultados expressivos no manejo dos medos e na melhoria das variáveis do sono (El Rafihi-Ferreira et al., 2018). Da mesma forma, o estudo de caso derivado desse programa descreveu a diminuição dos sintomas e a sustentabilidade dos ganhos na etapa de acompanhamento (f*ollow-up*).

Entretanto, se a robustez desses achados atesta a eficácia do protocolo, tampouco autoriza a imputação exclusiva dos efeitos ao recurso literário. Ao contrário, explicita a premente necessidade de discriminar qual contribuição singular cabe à narrativa no interior de uma intervenção multicomponente. Essa distinção erige-se como um pilar fundante para o adensamento teórico, visto que uma formulação científica consistente deve ir além da mera constatação de que um arranjo funciona, cabendo-lhe especificar quais vetores são estritamente necessários, quais, destes, atuam como facilitadores, quais admitem substituição e em quais condições específicas determinado mecanismo de mudança é de fato ativado.

A literatura internacional contemporânea

A revisão sistemática conduzida por Redman et al. (2026) erige-se como uma referência basilar para o mapeamento contemporâneo do campo da Creative Bibliotherapy. A partir da triagem de 3.405 registros únicos, o levantamento incluiu 23 estudos focados em crianças e adolescentes na faixa etária de 5 a 16 anos. Embora 13 desses trabalhos tenham reportado impactos positivos sobre desfechos de saúde mental, os autores concluíram que a base empírica disponível ainda não provê sustentação para

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

o estabelecimento de uma eficácia forte. Essa constatação afigura-se altamente reveladora, porquanto desvela, simultaneamente, dois horizontes complementares: a presença inconteste de resultados promissores e, ao mesmo tempo, a fragilidade metodológica para generalizações precipitadas.

Essa dupla condição deve balizar rigorosamente a produção científica subsequente. Não cabe abandonar o campo sob a alegação de que suas evidências permanecem heterogêneas, tampouco se afigura legítimo chancelar a biblioterapia como universalmente eficaz. A postura epistemológica e metodologicamente mais profícua consiste em investigar justamente as condicionantes e os fatores moderadores que explicam a variação e a heterogeneidade desses achados.

A questão das características da narrativa

Outra revisão sistemática recente examinou as propriedades intrínsecas da literatura infantil julgadas relevantes para a biblioterapia, mapeando atributos recorrentes como a densidade na construção das personagens, a atratividade do enredo, a universalidade temática, a capacidade de eliciar empatia, a qualidade textual, o apelo estético das ilustrações e a adequação à faixa etária (Abdul Aziz et al., 2025).

Aparece aqui mais uma variável de fundamental relevância metodológica: se as particularidades do texto condicionam ativamente a experiência, deixa de ser suficiente indagar de modo genérico "se um livro foi utilizado", impondo-se averiguar "qual narrativa foi empregada e de que maneira suas propriedades específicas se revelaram pertinentes para aquela vivência". A BND, caso venha a ser formulada e empiricamente testada em etapas futuras, precisará obrigatoriamente incorporar essa dimensão. A narrativa passa longe de ser um recipiente neutro; pelo contrário, sua estrutura, linguagem, foco narrativo, densidade dos conflitos, uso do humor, recurso a metáforas e tipo de desfecho configuram possibilidades radicalmente distintas de engajamento. Essa premissa, contudo, deve ser preservada como uma hipótese investigativa até que pesquisas orientadas a esse fim estabeleçam correlações causais entre atributos narrativos específicos e desdobramentos nos processos desenvolvimentais.

A LACUNA CONCEITUAL

A análise minuciosa do campo permite delimitar uma lacuna epistemológica cuja natureza não reside na escassez de investigações sobre a interface entre literatura e desenvolvimento, mas sim na ausência de uma verdadeira integração teórica de seus processos subjacentes. A produção acumulada dispõe, indubitavelmente, de constructos conceituais de inestimável valor, a exemplo da **identificação**, da **catarse**, da **imaginação**, da **empatia**, da **expressão**, da **reflexão**, do ***insight*** e da **ressonância.** Contudo, tais noções permanecem fragmentadas em vertentes analíticas isoladas, carecendo de um modelo integrado que explicite as articulações dinâmicas e os nexos causais que operam entre essas diferentes instâncias psíquicas.

Entretanto, esses conceitos são provenientes de diferentes tradições e nem sempre são organizados em uma arquitetura processual comum. Pode-se representar o problema provisoriamente assim:

Narrativa
↓
Mediação
↓
Experiência
↓
Processos intermediários
↓
Resultado

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

Mas permanece uma pergunta decisiva: **O que acontece exatamente entre a experiência e o resultado?**

Essa questão ganha uma relevância ainda mais central quando introduzimos o conceito de transferência, uma vez que a mera emergência de uma resposta ao longo da experiência está longe de garantir sua aplicação em contextos futuros. Afinal, a identificação pontual com uma personagem não assegura uma transformação subjetiva real, assim como a simples compreensão teórica de uma solução tampouco traduz a incorporação efetiva de um novo repertório. Da mesma forma, o extravasamento de um afeto não equivale à capacidade de autorregulação emocional, impondo ao campo a necessidade premente de delimitar e diferenciar criticamente esses múltiplos níveis de apreensão.

Uma possibilidade analítica é pensar:
resposta → elaboração → reorganização → repertório → transferência.
Essa sequência ainda é hipotética. Seu valor está em oferecer um caminho para investigação.

TRANSFERÊNCIA: O PONTO CEGO MAIS PROMISSOR

A transferência constitui uma dimensão vital para a consolidação de uma abordagem genuinamente desenvolvimental. Quando uma criança acompanha a trajetória de uma personagem diante de um conflito e apreende o desfecho proposto, verifica-se uma aprendizagem estritamente circunscrita aos limites do texto original. Cumpre, todavia, avançar nas indagações metodológicas: ao identificar uma dinâmica análoga em um novo enredo, emerge a hipótese de uma transferência internarrativa; ao mobilizar essa mesma percepção na elaboração de um desenho ou dramatização, delineia-se uma transferência intermodal; e, por fim, ao recorrer a esse repertório simbólico para mediar um conflito da vida cotidiana, manifesta-se uma transferência extranarrativa. Reitera-se que tais categorias funcionam aqui como ferramentas analíticas destinadas a balizar pesquisas futuras, e não como achados empiricamente consolidados pelo corpus revisado.

A mesma exigência de rigor aplica-se à dimensão da retenção: uma transformação aferida no rescaldo imediato da atividade possui alcance e significado qualitativamente distintos de uma mudança estabilizada ao longo de semanas ou meses. Uma perspectiva desenvolvimental deve, portanto, formular a indagação essencial: o que de fato permanece após o término da narrativa?

Trata-se, talvez, da questão mais profícua do atual estado da arte, na qual a transferência opera também como um critério de prudência metodológica: quanto maior o distanciamento entre o comportamento observado e o contexto narrativo original, mais robustas devem ser as evidências para se imputar tal mudança à experiência vivida. Nesse sentido, se a capacidade da criança de responder adequadamente sobre o destino da personagem atesta a mera compreensão, a criação de um novo enredo calcado em estrutura análoga sinaliza a apropriação narrativa; contudo, tão somente o emprego deliberado dessa estratégia em uma situação social concreta provê evidência inconteste de transferência extranarrativa, cabendo às pesquisas futuras a concepção de desenhos longitudinais e delineamentos experimentais capazes de discriminar, com rigor e precisão, esses diferentes estágios.

RETENÇÃO E DIMENSÃO TEMPORAL

A questão temporal exige um tratamento teórico-metodológico próprio, uma vez que a prática recorrente de avaliar resultados imediatamente após a intervenção, embora compreensível, padece de limitação: as alterações imediatas frequentemente refletem apenas entusiasmo transitório, o efeito de novidade, a influência direta do mediador ou a simples memória recente da atividade. Sob uma perspectiva genuinamente desenvolvimental, cumpre indagar se a mudança observada de fato se consolida no tempo, sem jamais confundir retenção com transferência; afinal, a criança pode preservar a compreensão sobre a personagem sem jamais mobilizá-la diante de uma situação inédita, assim como pode transferir uma estratégia no curto prazo para, em seguida, abandoná-la por completo.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

Assim, pelo menos três dimensões devem ser observadas: mudança imediata; transferência; retenção. Essa diferenciação pode produzir uma agenda metodológica mais rigorosa para pesquisas futuras.

DO ESTADO DA ARTE À AGENDA DE PESQUISA

A síntese do corpus revisado permite estruturar uma agenda de pesquisa desdobrada em cinco frentes prioritárias:

Narrativa: Investigar as propriedades formais do texto e da arquitetura narrativa associadas aos padrões de engajamento e recepção infantil;

Mediação: Comparar diferentes modalidades de intervenção mediada e mensurar seus impactos específicos sobre a qualidade da experiência;

Processos: Mapear empiricamente dinâmicas como identificação, tomada de perspectiva, expressão afetiva, imaginação, experimentação simbólica e reconfiguração de sentidos;

Repertórios: Avaliar se a vivência fomenta novas possibilidades de percepção, interpretação, comunicação ou ação no sujeito;

Transferência e Retenção: Verificar se tais competências mobilizadas se manifestam em contextos heterogêneos e se persistem ao longo do tempo.

Essa agenda culmina na formulação de um problema de pesquisa consideravelmente mais sofisticado: **para quem, sob quais condições, por meio de quais processos e com qual grau de transferência uma experiência narrativa mediada pode efetivamente contribuir para o desenvolvimento?**

Essa equação investigativa atua, do mesmo modo, na superação da histórica dicotomia entre as abordagens qualitativas e quantitativas. Propõe-se, em seu lugar, um fluxo metodológico integrado em que a exploração qualitativa inicial, orientada à apreensão densa de processos e categorias emergentes, subsidia diretamente a operacionalização e a testagem quantitativa posterior dessas mesmas dimensões. Sob esse arranjo, torna-se viável analisar qualitativamente os modos como as crianças reagem à narrativa e mapear seus padrões de expressão para, subsequente e rigorosamente, conceber tarefas padronizadas de transferência, consolidando uma dinâmica em que o adensamento teórico avança em perpétuo diálogo com a evidência empírica.

UM ANTECEDENTE BRASILEIRO DA PROBLEMÁTICA

A construção dessa agenda possui também uma genealogia investigativa relacionada à trajetória da autora. Na dissertação de mestrado *Como nascem as fadas de leitura?*, defendida na Universidade Federal da Bahia em 2017, foram investigadas experiências lúdicas de leitura e mediação didática de dois professores do Ensino Fundamental II, um de Biologia e outro de Matemática, em escolas públicas. A investigação articulou histórias de vida, entrevistas narrativas, escrita autobiográfica e observação participante.

O estudo identificou categorias intrinsecamente articuladas às experiências de leitura, à memória afetiva, ao imaginário literário, à mediação, à partilha e à alteridade, apreendendo a experiência literária em dimensões que extrapolam a esfera estritamente cognitiva ao incorporar aspectos corporais, imaginativos e relacionais. Tal antecedente, contudo, não visa constituir uma prova da BND, cumprindo

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

antes a função de atestar a continuidade de uma linha investigativa que concebe a literatura não como mero conteúdo, mas como experiência mediada capaz de mobilizar dimensões afetivas, imaginativas, relacionais e formativas. Essa continuidade revela-se decisiva porque a investigação atual não emerge de uma ruptura arbitrária com a trajetória anterior, derivando, ao contrário, de um deslocamento progressivo da própria pergunta de pesquisa: se, em um primeiro momento, a atenção debruçava-se sobre a experiência de leitura e a mediação docente em contextos escolares marcados pela vulnerabilidade social, o problema subsequentemente se amplia para indagar de que maneira essas narrativas mobilizadoras de experiências significativas conectam-se, afinal, ao desenvolvimento.

E, finalmente, surge uma terceira questão: **como investigar os processos pelos quais uma experiência narrativa pode eventualmente ampliar repertórios para além do momento em que a história foi vivenciada?**

O presente artigo não pretende oferecer uma resposta definitiva a essa questão, cumprindo antes a função de demonstrar que ela emerge do diálogo legítimo e fecundo entre diferentes tradições científicas.

IMPLICAÇÕES PARA A PESQUISA EDUCACIONAL

A discussão possui implicações que ultrapassam a biblioterapia entendida em sentido estrito. Na educação, a literatura frequentemente é utilizada para trabalhar temas considerados difíceis: medo, morte, amizade, preconceito, separação, conflitos, pertencimento, diferenças e mudanças.

Entretanto, quando a narrativa é utilizada com essa finalidade, é necessário evitar dois extremos. O primeiro é instrumentalizar a literatura, transformando toda história em ferramenta para ensinar uma "lição". O segundo é pressupor que a experiência literária, por si só, produzirá automaticamente desenvolvimento.

Entre esses extremos encontra-se a mediação. Uma prática pedagógica sensível precisa preservar a dimensão estética da obra e, simultaneamente, reconhecer as possibilidades de diálogo que ela oferece. Isso significa que a narrativa prescinde de uma moral pronta, atuando prioritariamente como um espaço de provocação reflexiva no qual diferentes respostas coexistem, personagens falíveis erram, conflitos prescindem de resoluções imediatas e perguntas permanecem abertas. Uma indeterminação estrutural que, sob a ótica desenvolvimental, revela-se potencialmente mais fecunda para o sujeito do que a oferta de uma solução explícita. Uma teoria futura da BND precisará, portanto, preservar uma tensão fundamental: intencionalidade não deve significar controle absoluto do sentido.

A experiência narrativa pode ser planejada, mas seu significado não é completamente planejável. Essa característica diferencia uma experiência literária de um procedimento mecânico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado da arte analisado atesta que a relação entre literatura, narrativa, biblioterapia e desenvolvimento infantil ostenta uma trajetória consistente tanto no Brasil quanto no exterior. Nesse panorama, a produção nacional oferece contribuições de especial relevância no âmbito da biblioterapia pediátrica, hospitalar e escolar ao articular literatura, ludicidade, mediação e humanização, enquanto a literatura internacional contemporânea amplia as fronteiras do campo por meio de investigações sobre Creative Bibliotherapy, saúde mental e avaliação de intervenções. Não obstante esse vigor, o campo permanece marcadamente heterogêneo: inexiste uma biblioterapia unívoca, assim como não há uma modalidade exclusiva de experiência narrativa, um resultado singular ou uma arquitetura integradora suficientemente consolidada para explicitar os processos subjacentes que articulam narrativa, mediação, experiência e desenvolvimento. Tal cenário impõe prudência na interpretação dos achados empíricos, haja vista que a expressão emocional não se traduz automaticamente em transformação subjetiva, a identificação não assegura mudança, a resposta imediata não garante retenção e a resolução de um

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

problema narrativo tampouco demonstra, por si só, a transferência dessas aquisições para as situações cotidianas da vida real.

A principal lacuna identificada reside, portanto, no hiato entre a experiência narrativa e a formação do repertório desenvolvimental, afetando sobretudo a compreensão dos processos de transferência e retenção. Tal lacuna, cumpre notar, não decorre da escassez de explicações teóricas, visto que o campo dispõe de conceitos robustos e historicamente consolidados, mas sim do fato de essas noções permanecerem dispersas entre diferentes tradições, sem compor uma arquitetura processual devidamente integrada e testável. Diante disso, embora tais evidências não autorizem apor a Biblioterapia Narrativa Desenvolvimental (BND) como um modelo já demonstrado, legitimam plenamente sua investigação como proposição conceitual: a BND poderá estruturar-se, em etapas subsequentes, como uma hipótese teórica voltada a examinar experiências narrativas intencionalmente mediadas enquanto espaços propícios para a expressão simbólica, a experimentação de possibilidades, a reorganização de significados e a ampliação de repertórios. Por conseguinte, a contribuição precípua deste artigo não consiste na proposição de uma nova técnica terapêutica, mas na delimitação rigorosa de um problema científico engendrado pelo próprio amadurecimento do campo.

A questão que permanece aberta pode ser sintetizada assim: não basta perguntar o que uma criança compreende de uma história. É necessário investigar o que acontece quando a história encontra a experiência da criança e se aquilo que foi experimentado na narrativa pode tornar-se repertório para enfrentar outras histórias, outras relações e outras situações da vida.

É nessa passagem entre história, experiência e repertório que se situa o território conceitual que deverá orientar as próximas etapas da investigação.

A força dessa agenda reside precisamente no fato de não pressupor a resposta de antemão: a BND não deve emergir como uma teoria autocondescendente que visa apenas ratificar a própria existência, mas sim como uma proposição conceitual passível de ser rigorosamente confrontada com a realidade. Isso implica que investigações subsequentes deverão delimitar condições claras de estudo, operacionalizar seus construtos, mapear mecanismos observáveis, formular indicadores precisos de transferência e acompanhar longitudinalmente os resultados. Este é um percurso indispensável para averiguar se a passagem entre a experiência narrativa e o desenvolvimento constitui, de fato, um processo identificável e em quais circunstâncias ele se efetiva. O estado da arte, por conseguinte, não encerra o debate, mas o dota de maior precisão científica.

REFERÊNCIAS

ABDUL AZIZ, Rafidah; WAN MOHD SAMAN, Wan Satirah; SHAIFUDDIN, Norshila; MOHD RADZI, Salleh. Bibliotherapy Features in Children's Literature: A Systematic Literature Review. *Journal of Information and Knowledge Management*, v. 15, n. 1, p. 109–120, 2025. https://doi.org/10.24191/jikm.v15i1.4592

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 38–54, 2002. https://doi.org/10.5007/1518-2924.2002v7n14p38

CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 72–89, 2004. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/147/14701806.pdf. Acesso em 31/08/2026.

EL RAFIHI-FERREIRA, Renatha; SILVARES, Edwiges F. M.; ASBAHR, Fernando R.; OLLENDICK, Thomas H. Brief treatment for nighttime fears and co-sleeping problems: a

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

randomized clinical trial. *Journal of Anxiety Disorders*, v. 58, p. 51–60, 2018. https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2018.06.008

LIMA, Daiana de; CALDIN, Clarice Fortkamp. Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. *Revista ACB*, v. 18, n. 1, p. 599–622, 2013. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/872. Acesso em 30/08/2026.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 11, n. 3, 2006. DOI: 10.1590/S1413-99362006000300008

MACEDO, Lídia; SPERB, Tania Mara. O desenvolvimento da habilidade da criança para narrar experiências pessoais: uma revisão da literatura. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 12, n. 3, p. 233–241, 2007. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000300005.

MARQUES, Ítalo Henriqson; GONÇALVES, Renata Braz. Biblioterapia pediátrica: análise quali-quantitativa da produção em artigos, teses e dissertações brasileiras (1975–2019). *Revista ACB*, v. 26, n. 1, 2021. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1729. Acesso em 30/08/2026.

PARDECK, John T. Bibliotherapy: a tool for helping preschool children deal with developmental change related to family relationships. *Early Child Development and Care,* v. 47, n. 1, p. 107–129, 1989. http://dx.doi.org/10.1080/0300443890470106

PARDECK, John T.; MARKWARD, Martha J. Bibliotherapy: using books to help children deal with problems. *Early Child Development and Care*, v. 106, n. 1, p. 75–90, 1995. https://doi.org/10.1080/0300443951060108

PETERS, M. D. J.; MARNIE, C.; TRICCO, A. C.; POLLOCK, D.; MUNN, Z.; ALEXANDER, L.; MCINERNEY, P.; GODFREY, C. M.; KHALIL, H. Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews. *JBI Evidence Synthesis*, v. 18, n. 10, p. 2119–2126, 2020. DOI: 10.11124/JBIES-20-00167

REDMAN, H.; MELENDEZ-TORRES, G. J.; BETHEL, A.; GREEN, J. Does Creative Bibliotherapy delivered in schools improve mental health-related outcomes for 5–16 year olds? *Protocol for a systematic review. Systematic Reviews*, v. 13, n. 1, 2024. DOI: 10.1080/17533015.2025.2599866

REDMAN, H.; MUTANDA, D.; BETHEL, A.; MILLER, R.; MELENDEZ-TORRES, G. J.; GREEN, J. Does Creative Bibliotherapy delivered in schools improve mental health-related outcomes for 5–16 year olds? A systematic review. *Arts & Health*, v. 18, n. 2, p. 164–186, 2026. https://doi.org/10.1080/17533015.2025.2599866

TANG, X.; LAU, C.; DU, J. Effectiveness of dialogic reading in enhancing children's literacy: a systematic review and meta-analysis. 2026. https://doi.org/10.1016/j.ijer.2026.102963

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini. Estados da Arte: aparando arestas na compreensão dessa modalidade de pesquisa. Ciência & Educação, Bauru, v. 29, e23034, 2023. https://doi.org/10.1590/1516-731320230034

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18006

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Utilizou-se o modelo **GPT-5.6 Luna** para a identificação e localização dos principais descritores e termos correlatos associados ao tema biblioterapia, servindo de apoio para a estruturação das buscas bibliográficas. E o modelo **Gemini 3.5 Flash-Lite** para a revisão gramatical, aprimoramento sintático e ajustes de fluidez em trechos específicos do manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Submetido: 02/09/2026
Preprint: XX/XX/20XX
Aprovado: XX/XX/20XX
Editor de seção:

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.